TL6926-02

Para: Cndt-das-Falintil

Querido irmão

Saudações muito combativas, Boas Entradas e sucessos na luta.

Mais um ano de separação física; acredita-nos, estamos unidos no Pensamento e na Acção:
Pátria ou Morte!

1. A recepção da sua carta calhou num dia de concentração de todos os quadros e guerrilheiros das duas Regiões Autónomas de Guerrilha 2 e 3 — da RMC; os sentimentos de fraternidade e luta foram transmitidas a letra à todos os presentes. Não imagina, querido irmão, o ambiente que transpareceu no momento. Era tudo: dôr, alegria, saudades, lágrimas... enfim...!!! Porém para mim, mais do que isso, foi uma consolação, um alívio... Em suma, uma advertência sobretudo!; sim, o companheiro continua nosso cuadt-das-fa-lintil, e isso pressupõe:

a)- manutenção da operacionalidade das ligações entre nós;

b)- vivência dos nossos problemas reais da luta;

c)- activação constante, preocupação renovada e dinâmica dos esforços, porque:
A luta continua!

Resistir e Vencer!

2. Todo o processo da sua existência fora acompanhado, analizado e estudado em todos os pormenores nos seus diversos aspectos por mim e testemunhado por todos os quadros mais responsáveis da RA aqui próximos de mim. Orgulho-me, por ter acertado em dois pontos essenciais:

a) - a da sua transferência e localização, processo cujo desenvolvimento continua em foco e;

b) - a detonação do "bomba maratok", de cujo permisso recorri a memória da sua memória de luta e a mensagem dirigida aos jornalistas nos bastidores do Tribunal Sili, para não falarmos da fragilidade q que o "muro de Berlim" significou, a não ser outra 3ª Guerra Mundial!

3. Querido irmão!

Na concentração que teve lugar Fora discutido, aliás, apresentado por mim diversos assuntos ligados ao desenvolvimento da nossa luta como um esforço de resolver as contradições existentes entre os dois conceitos: — Subjectivismo/Superficialidade e o impirismo — salientando, sobretudo, da necessidade de um permanente reforço a Unidade na luta, adequando e sistematizando as potencialidades dinâmicas do ser Humano como factor determinante no processo das transformações para o proveito da luta.

Como orientação prática recorri iniciando com a

memoria sempre fixes no conjunto da situação de todo o processo da nossa luta partindo exactamente das partes: — nossa e do inimigo, interno e externo, passado, presente e o futuro etc, orientado nos pontos a seguir:

I — Análise da situação Internacional e Nacional

II — Traçado das linhas gerais de orientação para o conjunto das actividades políticas e militares

III — Planeamento — noções gerais sobre o conceito em abstracto e sua relação na planificação dos esforços e preocupações na transformação do processo no seu conjunto.

Da situação Internacional foquei, sublinhando:
A justeza da nossa luta cujo direito a Auto-determinação e Independência têm direito jurídico os territórios não-autonomas — confirma a carta das Nações Unidas.

Como tal, é um caso Internacional. Porém há que ter em conta os interesses Comerciais, Económicas, Políticas e Militares dos componentes da ONU individualmente, em bloco etc, pelo que a ONU ondulira as suas preocupações conforme as circunstâncias Políticas; confirma, neste caso, a neutralidade persuasiva do que propriamente uma imposição de força; da razão, confirmando, antes de mais, a hipocrisia da Comunidade Internacional, principalmente dos Governos de cada País no Mundo, em relação ao caso de Timor Leste por um lado e, por outro, atesto bem claro a existência da Política de

dois pesos e duas medidas.

Entretanto os avanços e transformações são irreversíveis, pelo que o caso de Timor Leste já, como todos sabem, ultrapassou a Etapa de simples manutenção do caso nas Nações Unidas e avança hoje, com seguridade equilibrada para a Etapa de solução do conflito; aqui, contamos com as pressões de última hora da Comunidade Internacional, cujo os EUA está a testa. E isso reflecte, a realidade da NOVA ORDEM MUNDIAL e confirma sobretudo, o sucesso da Estratégia Diplomática traçada pelo CNRM - "Atacar nos Centros Importantes de Decisão Mundial - EUA, CEE e Japão". Resta, agora, a Indonésia reconhecer a sua derrota Política e flexibilizar as suas posições — as negociações sob a supervisão da ONU é, os inícios; porém, há que ter em boa conta as manobras diplomáticas e Políticas!

Da parte militar do IX. e Nossa iniciei recuando a memória até os inícios das manobras de diversão e o ataque de profundidade a capital Dili, tomando-a; os avanços progressivos para outros pontos importantes do País (vilas, cidades, vias rodoviárias etc, etc.), cuja consequência marcou o início do cerco e retalhamento do País; as campanhas alternadas de aniquilamento e destruição das Bases de Apoio da Resistência; as perseguições e a limpeza do terreno etc, foram elas mesmas a 1ª Etapa da situação militar no seu conjunto. A 2ª, iniciou logo depois de reorganizado o País com o desencadeamento das batidas de envergadura envolvendo todo arsenal bélico IX.; o traçado da Estratégia de Contra-Guerrilha Territorial e suas consequências. e Alargamento Territorial de controle militar e administrativo inimiga fazem, neste caso,

o conjunto dessa mesma Etapa em desenvolvimento.

Da nossa parte sublinhei, sómente, os erros cometidos pelo Comando Superior produto do subjectivismo; da parte dos Comandos subalternos o impersismo, para não falarmos dos condicionalismos condicionantes ou circunstâncias que determinaram a causa dos nossos recuos.

Por último sublinhei as dificuldades de sempre do nosso exército de guerrilha por um lado e, avaliei a vontade e a firmeza manifestado pelos guerrilheiros na prática da guerra por outro. Para avançar sublinhei, sobretudo, as experiências práticas da Região Autónoma de Guerrilha 1 / Ponto Leste, cujo sucesso traduziu na captura de quase 10 armas em 93. Porém, infelizmente, não houve solidariedade da parte de outras Regiões do País. Perguntou-se, qual foi então as causas disso tudo? É simples a resposta – o impirismo individualiza a prática; o subjectivismo, sómente reforça a desconexão dos movimentos no seu conjunto. Como solução, fora traçado as linhas gerais de Orientação militar adequando-as as actuais circunstâncias da luta como forma de diciplinar os nossos movimentos e actividades.

foi o que fizemos:

Alargamento da nossa presença militar operando sobretudo:

a) – na retaguarda do IN;

b) – nas linhas defensivas do IN e;

c) – nas nossas zonas;

Com o objectivo de desestabilizar a situação interna do País e recuperação de armas reforçando o nosso efectivo, cujo formas de acção e de actuação devem ser diversificadas. Ela vai ao encontro, contrariando a Estratégia IN de –

Estreitamento das nossas zonas de movimento e de combate, alargando as suas através do despositivo acertado e nos pontos estratégicos os campos de concentração por um lado e, por outro, desfazer de vez a propaganda IN. de que a guerrilha é fraco, que os TNI estão sómente preocupados da "Pembagunan", para além de que já retirou a maior parte do seu efectivo militar no país.

Da parte da situação Política do País sublinhei a irreversibilidade dos avanços da luta Política do nosso Povo que, segundo cálculos, não existe força nenhuma neste mundo que os faça recuar nos seus propósitos, muito menos a utilização da força, violência e intimidação. Entretanto há que corrigir constantemente os erros cometidos, há que reverificar correctamente as tarefas desenvolvidas, há que disciplinar eficazmente os movimentos, condenando-os; há que ajustar correcta e devidamente as estruturas políticas, actualizando-as; há que esclarecer devidamente a diferença entre o apoiar e participar etc, etc. Não fazendo isso, arriscá-mo-nos a contentar sómente com as aparências enquanto que na realidade vamos sendo ultrapassados pela irreversibilidade do processo espontâneo e auto-mobilização do nosso Povo. Assim sendo, não comandamos; mas sim, somos comandados!

Para evitar, para além das linhas de Orientação geral que é — o Alargamento da nossa presença Política e consolidação das nossas Organizações Políticas na frente Clandestina é necessário — Reforçar a Unidade na Acção e consolidar, sobretudo, a Unidade Orgânica do nosso Povo em torno do CNRM.

Para isso:

1 — Numa primeira fase da Reorganização da frente

Clandestina exige solidariedade total e completa dos quadros das duas frentes: Armada e Clandestina;

2— Numa segunda fase é imprescindível o envolvimento directo dos quadros da RA nas Estruturas Orgânicas da frente Clandestina;

3— Numa terceira fase, segundo o curso do desenvolvimento do Processo Político, haverá, ou melhor, promoverá a dêluição em termos Orgânicos a Estrutura das duas frentes Armada e Clandestina; separando-as, neste caso, da Estrutura militar — das falintil.

Enquanto isso, é prioritário de momento preparar psicologicamente o nosso Povo, sensibilizá-los no sentido de se preparem para nos apoiar e, sobretudo, participarem (directamente) directo e conscientemente na preparação das condições objectivas e subjectivas para o desencadear da contra-violência atacando e sabotando os interesses indonésios em Timor Leste. Esta, será, a 3ª Etapa da situação militar no seu conjunto —

—— A Guerra de Guerrilha em Timor Leste — uma Guerra Popular de dimensões desvastadoras, claro, se comandarmos correctamente, pois essa era e continua sendo o desejo verdadeiro do (nosso) Povo de Timor Leste, desejo cujo o término — a Independência assiná-la!

Mas tudo isso depende em grande parte:

1— da existência de um Comando Superior Centralizado e (capacitado) capacitado com visão e experiência na condução do processo no seu conjunto;

2— no despositivo equilibrado dos recursos do País em proveito de todos e do conjunto da luta;

3 – Na reverificação permanente, Orientação eficaz e condução acertada e dinâmica do processo no seu conjunto.

Entretanto:

a) – Há que melhorar os nossos meios de comunicação, introduzindo aparelhos de comunicação;

b) – Há que financiar correcta e devidamente a guerra;

c) – Há que estudar possíveis alternativas de luta, adequá-las com a inflexibilidade do Governo ditador Suharto.

Para isso:

— É prioritário combater o monopólio da Direcção de Luta:

a) – Há que organizar imediatamente uma Frente única na Representação Externa da luta;

b) – Há que dar um carácter verdadeiramente Nacional o Comando da luta — CNRM — envolvendo dinamicamente todos os componentes da Luta Timorense.

Estes foram os assuntos mais importantes que discutimos ou debruxamos na nossa reunião que decorreu dentro dos dias 20 de Setembro a 31 do mesmo, para não falarmos dos complementares como: Questões Jurídicas, Actividades Políticas junto das Forças, Propaganda Política junto do inimigo e do nosso povo, as ligações, o controle das actividades etc; Os Planeamentos, a Reverificação, etc, etc.

É tudo o que tenho a falar nesta oportunidade. Novamente, eu, Ruak, lhe envia os

Saudações muito combativas e fraternais de todos das Falintil e, um abraço com profundo emoção e respeito meu.

P/o EMF

Taur Matan Ruak

CEM – Falintil

Nas montanhas da Pátria, 1 de janeiro de 1994. —

NOTA: Perdoa-me pela extensão e erros!